

A DEMOCRACIA

ORÇÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 12 DE JUNHO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 29

EXPEDIENTE

Anno. 65000

São nossos correspondentes :

Em Barbacena, o Sr. Tent. Lino Marques da S. Pereira.

Em S. João d'El-Rei, o Sr. Tent. Francisco de Paula Pinheiro.

Em Juiz de Fora, o Sr. Dr. José Caetano de Moraes e Castro.

No Recife, o Sr. Dr. José da Rocha Lima.

Em Cataguazes, o Sr. Estevão José de Oliveira.

Em Campo Limpo, José de Oliveira e Silva.

Apresentamos ao publico do interior o Sr. Eugenio Augusto Pinto, actualmente em giro pela provincia de Minas, no caracter de nosso companheiro de redacção e representante d'esta folha.

Lisongeando-nos que lhe será dispensado favoravel acolhimento, confessamos-nos sumamente agradecidos pelos favores e finezas com que o distinguirem.

Pedimos com instancia a remessa da importancia das assignaturas, por ser esse o unico recurso com que contamos para o sustento d'esta empresa.

Rio, 12 de Junho de 1887.

CHRONICA POLITICA

Com desusada festança, expansão e gaudio, os circulos e figurantes politicos e officiaes, os cortesãos e dependentes da corte, e todos os que vêem sorrir-lhes uma nova ordem de cousas cheia de esperanças, inclusive o grande órgão do commercio, também parte integrante e inamovível do governo do paiz, receberam e solemnizaram o vovimento à patria da sra. princeza imperial, unico acontecimento de nota da ultima dezena.

Depois da conferencia a sós entre sua alteza e o sr. presidente do conselho a bordo do *Gironde* e os mais passos solennos do trajecto da princeza, de bordo ao palacete Itamaraty, realisou-se ali nova conferencia entre divinos e mortaes, mais actores e mais comparsas. Constitua o publico apenas um *reporter* atraz d'um reposteiro.

ACTO UNICO

SCENA I

(Salão central Itamaraty)

Sentado ao centro — o IMPERADOR.

A' direita de S. M. — PRINCEZA IMPERIAL.

Ao lado d'esta — o CONDE D'EU.

A' esquerda de S. M. — o PRINCEPE D. PEDRO.

Atraz de S. M. — o CIDADÃO MUCIO.

Formando circulo de pé em frente de S. M. os srs.:

PRESIDENTE DO CONSELHO.

MINISTRO DO IMPERIO.

V. DE PARANAGUÁ.

B. DE NOGUEIRA DA GAMA.

CONS. ALBINO ALVARENGA.

B. DE IBITURUNA.

DR. RAMIZ GALVÃO.

PRESIDENTE DO CONSELHO

Senhor: Já experimentou V. M. o grande jubilo de abraçar sua dilectissima filha. Como vê V. M. ella chegou sadia e forte. Pode pois V. M. tranquillamente repousar das fadigas do governo, e emprehender a projectada viagem a Europa para restabelecimento de sua preciosissima saude. Sua Alteza está prompta a assumir a regencia, uma vez que é para acautelar a saude e a vida de V. M.

O IMPERADOR (COM VOZ DE TENOR)

Os senhores parecem mais assustados do que eu. Para que incomodar a menina com as massadas do governo? Eu já me sinto bom, perfeitamente bom.

PRESIDENTE DO CONSELHO

Imperial senhor! Peço venia para observar que me parece que V. M. se illude. Os medicos já manifestaram a sua opinião unanime que, sem uma viagem a Europa, V. M. não ficará completamente restabelecido; continuará accessivel aos insultos da molestia. E' melhor prevenir, senhor. (Piscando os olhos ao conselheiro Alvarenga). Não é este o parecer de V. Ex. e de seus collegas, sr. conselheiro?

CONSELHEIRO ALVARENGA (MEASUREIRO)

E' verdade, senhor. O meu parecer e o dos meus collegas, baseados na observação e estudo da molestia de V. M., é que se torna indispensavel que V. M. viaje algum tempo pelo meio-dia da Europa; é uma medida de prudencia. V. M. está muito melhor vai em convalescença franca, auspiciosa; esta, porém, será mais prompta e a mais segura incontestavelmente com a viagem aconselhada.

O IMPERADOR

Mas, se estou bom, não sinto nada, é de todo inutil sahir agora do paiz. Para que? Não vou.

V. DE PARANAGUÁ

Senhor! A opinião dos medicos que têm assistido a V. M. deve ser muito respeitavel para o governo e para nós outros. Entendo, pois, que V. M. não deve oppôr-se a tão sabio parecer. Demais, V. M. bem sabe a responsabilidade que resulta para o governo de não serem seguidos os conselhos da sciencia acerca da preciosa saude de um soberano tão querido do povo brasileiro. Não insista, pois, V. M. n'essa recusa. O interesse é nacional.

B. DE IBITURUNA (ENDIREITANDO OS OLHOS. O PRESIDENTE DO CONSELHO AFILA O NARIZ, QUE CADA VEZ MAIS SE ALARGA.)

Permitta V. M. que eu reforce a opinião não só dos srs. B. de Cote-gipe e V. de Paranaguá, senão a dos distinctos medicos assistentes de V. M. Não estamos assustados com a saude de V. M.; muito pelo contrario, estamos satisfeitos; não nos parece porém que a obra fique completa tão depressa e tanto como desejamos sem que V. M. realise a viagem a que estava resolvido. Além de proveitosa é recreativa.

O IMPERADOR (PUCHANDO AS BARBAS)

Quando resolvi ir, estava realmente mal e julguei não poder melhorar tão depressa; mas agora, graças a Deus e aos srs. medicos que com tanta dedicacão me tem tratado, estou fino. Não sinto nenhum desejo de ir agora a Europa. Posso muito bem assistir e occupar-me dos negocios publicos, e tu, minha filha, vae descansar. Escusa de te affligires com questões de politica e outras do governo.

PRINCEZA IMPERIAL (APAGANDO O PAI)

Mas, papae, eu prefiro isso, a vel-o exposto a ser de novo acometido de tão grande enfermidade. Sou feliz de encontrar papai quasi bom; mas quero estar segura de que seu restabelecimento não poderá mais ser perturbado. Acho que papai deve ir. Irei ainda perdê-lo de vista por alguns mezes; mas as saudades com esperança é muito melhor.

O IMPERADOR (OS CONSELHEIROS COCHICHAM)

Não, não. Não é preciso separar-me outra vez de ti (O Sr. de Cote-gipe faz com os labios um gesto de impaciencia).

CONDE D'EU

Parbleu! Mon bello pae non voudra provocarr um nouvel attaque de Perr... de figadô. Moi me encarrégue dos negoces avec petit porcentage. Allez-vous-en.

IMPERADOR (INCOMODADO)

Já sei, já sei; mas não vou; não é preciso; querem por força fazer-me mais doente do que estou. Srs, eu estou bom; posso trabalhar; não se incomodem. — (Voltando-se para os barões de Cote-gipe e Mamoré) Srs. ministros, ha despachos? Não me tragam Coelho Bastos!

PRES. DO CONS. E MINISTRO DO IMPERIO (DESAPONTADOS)

Nada, Senhor. (Os conselheiros olharam-se, murchos como uma sensitiva tocada).

PRINCEPE D. PEDRO (COMIGO)

Bem bom que vovô não vá. O tal sr. meu tio é um vinagre capaz de por-nos todos a decimo de razão.

PRESIDENTE DO CONSELHO (EMBUCHADO)

Decididamente, Sr. V. M. se oppõe aos conselhos dos seus medicos? E' preciso, Sr. ao menos salvar a responsabilidade do governo.

IMPERADOR

Não me opponho a nada; venham os despachos que assigno, menos Coelho Bastos. Que é do sr. Paranaguá? Sr. de Ibituruna (dirigindo-se ao dr. Ramiz Galvão) V. Ex. já deu cabo dos vinhos falsificados? E' preciso acabar com elles. Mas, olhem, eu não vou; fico.

PRINCEZA IMPERIAL (TRISTE, DANDO DE CABEÇA PARA O CIDADÃO MUCIO).

CIDADÃO MUCIO

(RECITANDO, BAIXO, O LEÃO ENFERMO)
A' semelhança dos heróes antigos,
De que resam as lendas gloriosas,

O IMPERADOR

(VOLTANDO-SE À VOZ DO RECITADOR)

Ah!... os heróes antigos! O pio Enéas, por exemplo; os vencedores de Perebeubhy e Aquidaban! Sr. Cote-gipe já decidiu a questão militar? (os conselheiros em confusão, agrupam-se, separam-se, conversam a meia voz. Ouve se um murmúrio de fallas. Entra apressado um confidente do imperador. Assombro geral!)

SCENA II

OS MESMOS E O CONFIDENTE

PRESIDENTE DO CONSELHO

(AO VEL-O ENTRAR, PARA O SR. NOG. DA GAMA)

Que diabo!... Que quer aqui este onze letras?

NOGUEIRA DA GAMA

Homem... não sei!

CONFIDENTE

(ESBAFORIDO PARA S. M.)

Senhor! (O imperador levanta-se de um salto)

IMPERADOR

(COM ADMIRAÇÃO, OLHANDO O CONFIDENTE)

Oh!... por aqui sr. Ferreira Vianna? Ora graça! Ao menos poderemos fazer uma boa conferencia dos divinos. Que diz V. Ex.? Muito lhe agradeço. Gostei muito do seu projecto. Perfeito!

CONFIDENTE

Senhor! aquella madama que costumava...

(O Mucio no seu entusiasmo ao recitar e gesticular dá com o braço na cabeça da princeza imperial; esta ergue-se assustada; assusta-se também o imperador. Mucio corre a tranquillizar os e atira em baixo uma pequena meza secretaria fazendo um estrondo dos diabos, alastrando o soalho de papeis, vasos e tinta. A princeza desmaia; o imperador tem um accesso não satisfactorio; e enquanto uns se apressam em socorrê-los, outros correm pela porta fóra. O Sr. Mamoré sae de braço com o sr. Ibituruna, e o Sr. Cote-gipe com o Sr. Paranaguá, dizendo entre dentes: Allah é grande e Mahomet é seu propheta).

CONDE D'EU

Isto é une bataille de Campe Grande! Que diable!

MUCIO

(CONTEMPLANDO A PRINCEZA DESMAIADA)

«Oh tu, que tens de humano o gesto, e o peito».

Não me negues a graça, a mim sujeito

Que versos te dedico com respeito

Como ao imperador—subio profundo

Excelso rei, teu pai — Pedro Segundo.

SEPARAÇÃO E FEDERALISMO

(De um livro inédito)

11

A concentração de todos os poderes nas mãos de um só homem, fortalecido pela graça de Deus, e ao mesmo tempo pela unanime aclamação dos povos, conforme resa a carta, encerra o mais funesto absurdo que a politica tem inventado.

Baccho adorando a Christo, nos Lusitadas, talvez fosse uma concessão do poeta á inquisição, talvez symbolisasse o respeito com que a India recebia a iniciação catholica. E' possível que a collaboração dos velhos deuses decalados com as novas entidades celestes traduza o presentimento que a mythologia apenas muda de forma...

A graça de Deus, asseveração do direito divino dos reis, só pela mais requintada hypocrisia veio associar-se á aclamação dos povos, que vale tanto como suffragio universal.

Denotado pela revolução, o absolutismo fingio ceder, e resuscitou transfigurado em poder moderno.

A si mesmo se intitulou cupola do edificio e chave do systema.

O imperador, inviolavel, sagrado e irresponsavel, é o chefe do poder executivo, tem parte no legislativo, influe directamente no judiciario, e por delegação divina e nacional exerce privativamente o poder moderador!

Sayão Lobato disse que onde ha delegação do poder, o povo não é soberano.

Mal se comprehende como verdade tão intuitiva possa provocar protestos dos chamados liberaes.

N'buco de Araujo formulou o famoso sorriso comprobatorio do absolutismo.

Com verdade e precisão declarou o visconde de Itaboraí: O rei reina, governa e administra.

Não commetteremos a injustiça de attribuir excesso de autoridade ao imperador. Elle está dentro da lei.

A aria do poder pessoal, tão grata aos desterrados de São, faz lembrar a obstinação dos velhos catholicos que pretendem restaurar as praticas primitivas, e imputam á egreja a decadencia da religião. Como para elles o culpado é o papa, para os nossos liberaes o culpado é o imperador.

Zecarias de Góes e Vasconcellos desentranharam-se em subtilidades para provar que os ministros são responsaveis pelos actos do poder moderador, quando devia reconhecer, em honra da verdade juridica e do caracter nacional, que o defeito é do systema e não dos homens.

Vendo que dependem do governo imperial as nomeações de sacristas, fiscal dos bonds, ou das pratas, ou dos tambores, o povo entende que nada pode fazer sem a imperial venia e protecção.

Organisa-se uma sociedade de dança, e o primeiro cuidado é pedir licença para algar as armas imperiaes.

Lembram-se alguns devotos de constituir procurador no céu, formam irmandade, aclamam o bemaventurado padroeiro, mas não esquecem o imperial protector perpetuo.

Não ha dentista, lunquheiro, padeiro, empresario de mudanças ou lavagem de casas, que durma tranquillo ou lavando não se pode intitular da casa imperial.

Marechues, almirantes, e ministros do supremo tribunal de justiça disputam a honra do serviço domestico de suas magestades.

Um estadista já declarou no parlamento que os galões da casa imperial lhe davam mais honra que a farda de senador.

O enfeixamento de todos os poderes nas mãos de um só homem tem abastardado o caracter dos homens e estragado as proprias instituições.

Parlamento, magistratura, ministerio, não passam de sombras.

A propria igreja catholica tolera a invasão do poder omnimodo, que intervem na nomeação de conegos, bispos, cantores, e sacristãos.

Como sob tal regimen pôde desenvolver-se a iniciativa individual?

Até os diplomas scientificos são conferidos «em nome e sob os auspícios do muito alto e poderoso imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil».

A SITUAÇÃO

Estamos em plena transformação.

Da chrysalida do segundo imperio, vem apontando a larva que se vae desdobrar em terceiro.

Quantas reflexões suggere esse perpassar de pequenos incidentes que se avolumam com uma sequencia irresistivel até produzir a maior das evoluções da cujo desenlace e aspecto definitivo já nem se divulgam as causas que concorreram desde o seu começo!

Os phenomenos sociologicos, quando destinados a matinar e corromper, equiparam-se aos germens lethiferos que se implantam no organismo; raro effectuam a sua invasão por meio de abitos profundos e assustadores; parece até que provocam a anesthesia das fibras sensitivas, quando não excitam impressões de brancio torpor e adormecimento descurioso.

O bem estar social compara-se ao equilibrio das forças e á saúde do corpo humano. Esta é o resultado de um esforço contra os agentes daninhos, e a sua conservação é devida sobre tudo á virtude e á energia do espirito.

Nós merecemos as torturas das molestias que nos affligem, porque declinamos do civismo e do desinteresse que são as qualidades essenciaes á existencia de uma sociedade.

O civismo e o desinteresse nos acenam que é urgente contrapor um dique á onda devastadora das conveniencias dynasticas e das intrigas oligarchicas;

O civismo e o desinteresse chamam-nos a postos para esmagar em suas formas embryonarias o novo minotauro que se prepara a dizimar-nos;

O civismo e o desinteresse bradam alerta em nossas consciencias e forcejam fazer ali reviver o brio da alma americana.

Tudo em vão.

O que será preciso mais para arrancar-nos da inactividade e modorra em que nos mergulhamos?

Estado economico, publico e particular, angustioso, descoroçoante;

Partidos que se apoderam da administração não por uma razão social, mas por designação regia;

Esterilidade absoluta e absorção incessante da seiva d'este immenso imperio em beneficio de corrilhos vorazes;

Impossibilidade reconhecida e patente de com os actuaes factores atingirmos o alto destino que nos é assignatado, compendiado nas grandes reformas dos agentes da lavoura, na do poder ecclesiastico, da circulação do padrão da moeda, do systema tributario, da reintegração de fazendas, regalias e direitos provinciaes etc., etc.

Assoberbada a nação brasileira com tão lastimosa situação, creada por effeito e arte dos caracteres corruptos e traidores, verifica-se o facto providencial que lhe depara com resgate natural, suave e inercuto.

Invalida-se o rei; pericula a sua razão; conservá-lo é um disparate material e physico; em tal conjunctura passa ao rol dos mortaes ignorados.

Redimidos do captiveiro, contra o qual tanto vociferavamos, porque preoccupar-nos em buscar sujeitar-nos a outro ainda mais affrontoso e aviltante?

Será tamanha a nossa abjeção que não possamos viver sem amo, sem um senhor que disponha de nossas pessoas e de nossos haveres?

De que nos servem as bellas qualidades do nosso caracter, a generosidade, bonhomia exemplar rectidão com que procedemos, a mansidão de costumes, a aptidão e alacridade para o trabalho, a fertilidade do nosso solo, as galas da natureza, a riqueza incomparavel de nossa patria; se por outro lado renunciámos a toda iniciativa, desistimos da responsabilidade de nossos actos e appellamos para o criterio de quem não tardará a constituir-se algoz de nossa dignidade e de nossas mais caras esperanças?

Brasileiros! Não permittaes que se vos lancem os ferrolhos que vos junjam ao carro triumphal de terceiro dominador; evocae o brio por tão largo tempo sopitado e erguei-vos em toda a altura e magestade de povo americano, possante e energico; deixae que em vossos corações acordem e pulsem os sentimentos que herdastes dos prototypos de nossa nacionalidade, que como Tiradentes, tudo sacrificaram em aras da patria.

Ao grito de Republica ou Morte, descerrare-se-hão os nevoeiros que ensombram o céu de nossa existencia.

REFORMA MUNICIPAL

II

Em uma população de 12 milhões de habitantes, têm voto 150,000. São considerados incapazes 11.850,000. Proporção: um para oitenta. Na França, um candidato reunindo duzentos mil votos pôde ser derrotado; aqui a somma dos votos obtidos por todos os deputados da nação não attinge um terço d'aquella cifra. Lá, 200,000 podem não bastar, aqui 200 podem ser de sobra.

Se os privilegiados são poucos, nem por isso tem grande valor o privilegio.

Ser chamado a votar de dous em dous, ou de quatro em quatro annos, não é influir directamente nos interesses publicos.

Na Suissa, muitos negocios são resolvidos por assembleas populares reunidas ao ar livre.

Em outros paizes multiplicam-se as commissões escolares, de beneficencia, de melhoramento das prisões e outras semelhantes, no intuito de chamar á actividade o maior numero de cidadãos, preparando-os para as funções publicas, e despertando o seu zelo pelo interesse geral.

Enquanto nós conservamos camaras municipais sem attribuições, sem rendas, sem acção, compostas de pequeno numero de vereadores, na Europa reconhece-se a necessidade de augmentar o prestigio da communa.

Na Italia o numero de conselheiros municipais pôde elevar-se até 80, e na mais pobre communa, isto é, nas de menos de 3,000 habitantes, é de 15.

Na Prussia em quasi toda a Allemanha o minimo é de 12, podendo elevar-se a 60 e mais.

No Brasil, a lei organica do municipio tem quasi 60 annos, e agora pretende-se fazer passar uma reforma projectada ha cerca de 20 annos!

Não ha que admirar no paiz em que os liberaes ufanam-se de afeiçoar as idéas aos mais puros moldes conservadores.

Que tem o povo que ver com todas essas tramoias partidarias, e como poderia formar op não sobre os homens e sobre os negocios publicos, se lhe tiram o voto e a acção, se não lhe permittem ver por si, discutir, esclarecer-se sobre as necessidades do municipio, conhecer de perto os agentes da autoridade e os funcionarios locais?

Assim, o governo tem-se tornado uma industria privada.

A maioria dos cidadãos fica extranha á politica e até aos negocios de sua freguezia.

D'ahi o isolamento em que vivemos uns dos outros, ausencia de vida publica; a desagregação social, que é meio caminho para a anarchia ou para o absolutismo sem rebuço.

Ha optimistas que chamam liberdade a esse estado muito similhante ao de um a classe de escravos que em Roma não tinham senhor certo.

Outros pensam que as leis são boas e os costumes pessimos. Declamam contra a corrupção geral, e receberiam contentes uma dictadura bem intencionada. Estes são os mesmos que fundam as sociedades protectoras de animaes e vivem do suor e do sangue do negro. Condecoram-se com as medalhas das sociedades beneficentes, e mandam para a roda os ingenuos para melhor alugarem como amas as mães escravas. D'esses Catões, que acham o povo indigno de melhor sorte, ha exemplares no senado, na alta magistratura e nos conselhos da coroa.

Entendem que a independencia e a constituição vieram muito cedo, da mesma maneira que contemnam o abolicionismo e o acham prematuro!

Não querem comprehender que a centralização, esgotando todas as energias locais, lança tal perturbação na vida social, que outra cousa não é a causa de vermos um paiz novo e prodigamente dotado pela natureza apresentar o aspecto da invalidez, a tristeza da ruína, flagrante contradicção entre a opulenta virgindade da terra americana e o mesquinho espirito colonial que nos domina.

(Continua)

NOTAS

As congruas e ospadres estrangeiros

Ha alguma cousa de lugubre e tenebroso ou supremamente funambulesco n'essa indicação da camara baixa para excluir-se os sacerdotes estrangeiros do goso das pitanças orçamentarias.

O projecto apresentado não distingue se os nacionaes que se pretenle bafejar com a sinecura das congruas devem ser natos ou se basta que tenham a naturalisação.

E' natural que não allude a esta ultima hypothese, porque facil seria alcança-la e cremos mesmo que já existe alguma prescripção n'esse sentido.

O intuito, pois, é todo outro; quer-se traçar uma linha divisoria, profunda e bem accentuada entre sacerdotes de origem brasileira e os de arribação.

Em tal caso, dadas as disposições que os fanaticos monarchistas se ufanam de acatar, prova-se facilmente que exorbitam e tentam concentrar em suas mãos maior somma de influencia e poderes, dos que já possuem.

A nomeação de vigarios é direito privativo dos bispos, a quem se tributam honras de principes e o governo commette um verdadeiro attentado, uma invasão indebita querendo forçá-os a seguir os seus caprichos.

Por outro lado, esse projecto encerra duas questões essencialmente diversas e que não guardam nenhuma afinidade: a collação dos vigarios e a idoneidade e competencia para o recebimento das pensões do erario publico.

De toda esta embrolhada, nós só encher-gamos o esforço vão e infructifero de se pre-tender cohesionar elementos e factores antinomicos, que se repellem e que jamais offere-cerão uma solução razoavel.

Enquanto o Estado mantiver sob sua subserviencia e irradiação as consciencias; enquanto se obstinar em prolongar o connubio absurdo e paradoxal do poder ecclesiastico com o poder civil; enquanto se arroga a missão de prover a tudo, de influir e legislar sobre as menores funções de caracter e esphera particulares; enquanto viver de usurpar, deprimir, aniquilar as attribuições individuaes e alheias á sua acção; havemos de continuar a presenciar essas e outras scenas que revelam o desconchavo e desmoldamento dos tutores que nos dão a honra de aspietar e patrocinar a florescente situação que atravessamos.

×

Sobre a Municipalidade

A' maneira do projecto Saraiva — Cotegipe, hoje lei de 28 de Setembro — falso, a triste e mesquinha lei de emancipação de escravos e tranquillidade da lavoura, o projecto de reforma municipal, a mumia do sr. Paulino de Souza, foi tambem declarada pelo sr. ministro do imperio na camara dos deputados — questão aberta. O sr. ministro não faz questão da questão, isto é, não faz grande cabedal do projecto; pode ser modificado, alterado e transformado pela opposição liberal e conservadora dissidente, mas na votação é que havemos de ver quem tem garrafas vazias para vender. Tal qual como no projecto Saraiva—Cotegipe, o triste e mesquinho.

Ha contudo uma differença: no senado é que vai ser feita a reforma.

Partido republicano

Não podemos deixar de trasladar para estas columnas o artigo editorial que estampa o *Sapucaianse* em data de 5 do corrente.

E' n'essa linguagem que se retemperam os espiritos; estreme de enfeites rhetoricos, sem dieterios intempestivos, farfalhados.

Damos os parabens a essa illustre redacção que vem engrossar a phalange dos extrenuos combatentes da legitima e genuina democracia.

«Devem hoje, ao meio dia, reunir-se n'esta villa, alguns cidadãos com o fim de resolverem sobre a formação do partido republicano, n'este municipio.

Parece que, depois das conferencias parciais já realizadas e da simpatia e enthusiasmo com que tem sido recebida essa generosa idéa, podemos considerar como triumphantes os esforços que, por estas columnas, empregamos no sentido de unirem-se os valentes adeptos da democracia.

E' possivel que, por enquanto, deixem de filiar-se ao partido muitos cidadãos que alias nutrem aspirações republicanas e que particularmente não guardam d'isso reserva.

Ha talvez para esse procedimento motivos que não podemos discutir.

Mas, o resentimento de uns, a má vontade de outros; de alguns o receio de vingança, de muitos a situação difficilissima; e a suspeita em diversos, de o partido entregar-se a uma propaganda de idéas inconvenientes e perturbadoras do actual estado social: — todas essas razões hão de forçosamente ceder á verdade, á experiencia, á eloquente demonstração offerecida pelo desdobramento dos factos e, sobre tudo, a circumspeção e a prudencia com que os republicanos sapucaianse devem proceder e marchar.

Todos esses cidadãos hão de afinal, compreender que o patriotismo não só os obriga a collocarem-se definitivamente e corajosamente ao serviço activo e dedicado da bandeira que simbolisa o consorcio leal e sincero da liberdade e da ordem.

Convem portanto que aquelles que hoje vão se reunir estejam certos de que a maioria do municipio attenta os observa, para conforme a conducta que tiverem, prestar-lhes ou não o seu apoio.

Comprehendam a situação; e por amor a este infortunado paiz, assumam a posição de verdadeiros republicanos, isto é, de politicos decididos a pugnar pela justiça, garantir a ordem, sustentar a liberdade e promover o bem estar da communhão nacional.

Que a esperança fundada de uma patria prospera e feliz, presida a commemoravel reunião do dia de hoje!

A nova aurora

Os farejadores politicos e abyssinios de todas as classes já vêem no occaso um sol da realeza nacional e procuram voltar-se em attitude beatifica para um outro que lhes parece subir no horizonte.

Elles já se preparam para gritar: *Le roi est mort, vive le roi.*

Por isso tem-se visto muito accentuada a alaeridade de certos typos na recepção e na commemoração da chegada da princeza imperial e sobretudo o crescendo da força do monarchismo do *Jornal do Commercio* que deitou luminarias.

Outros, cantando o *Leão Enfermo*, dedicam a cantata áquella que pretendem guindar á successão do mesmo, e assim concluem sua primeira estancia:

«Nobre herdeira do throno brasileiro!

Tens em teu Pai um symbolo de glorias».

A conclusão da segunda parte, por concluir, ha de ser forçosamente esta:

— «Lembra-Te que ajudei-O nas victorias

Por terras de S. Paulo, onde eu, chronista,

Honras tive tambem d'um escudeiro».

São destequitate os satellites que se querem acercar e partiepar da luz da *nova aurora* que se lhes afigura.

Similia similibus congregantur.

Os dois barões assignalados

O de Mamoré, vulgo Ambrosio, e o de Cotegipe, ex-João Mauricio, grandes ministros da corda, estão filados a uma isca, a congrua dos vigarios. Bonito é vel os cada um a puchal-a para seu lado, como dois dogues agarrados a um osso que um canzárrão de S. Bernardo (o padre immigrante) tem de roer.

Já sabemos que o sr. de Cotegipe é o ministro unico no governo do imperio, o ministro-sete-pastas, e que os outros seis, são meras sombras phantasmagoricas. Por isso, quando estes se metem a ser alguma coisa e affectar opinião propria, sahe-lhes á frente o chefe e brada-lhes: alto lá! vocês aqui não são nada!

E não são, realmente nada.

A prova é a triste figura que fez o sr. ministro do imperio no senado, depois que o sr. do Conselho se manifestou contra o projecto de não pagamento de congruas aos vigarios estrangeiros.

O Sr. de Mamoré, ainda sustentando a sua opinião já enunciada a favor do projecto, deixava claramente ver a sua submissão ao empresario da governança. As suas distincções casuisticas entre senador, ministro do imperio e governo em nome do qual entende «gora seria melhor não ter emitido opinião, é uma retractação miseravel.

A pesar de tudo e a despeito mesmo do que agora desejaria o sr. de Mamoré, o senado deu-lhe o ganho de causa.

Confirma este antagonismo sem reboço entre os dois barões ministros que o governo da monarchia é uma empreitada de que é chefe o presidente do conselho, sendo os demais ministros apenas seis caixeiros ou grumetes que nada por si opinam nem deliberam.

E' preciso não ter um centil de dignidade para ser ministro em taes condições.

Mas, dignidade é cousa estranha, desconhecida entre os politicos da monarchia, maxime entre os seus barões assignalados.

Extinção do captivo

Entre tantas decepções que a marcha dos negocios publicos do Brasil inflige ás almas patrioticas, sirva-lhes ao menos de consolação o procedimento correcto do sr. senador Dantas acerca da questão abolicionista.

O novo projecto que ao senado acbta de offerecer s. exa., consignando o dia 31 de Dezembro de 1889 para a extinção total da escravidão no imperio, é o facto de ouro com que remata a trajetória iniciada a 6 de Junho de 1881.

Confiamos, e é preciso que s. exa. não se limite a apresentar estes projectos, mas que se esforçará, como um representante da nação consciente de seus deveres e convicto da utilidade e urgencia da medida que propoz, afim de que esta seja discutida, approvada e convertida em lei do Estado.

Que a nova expectativa não será desmentida, é o que esperamos.

Queremos ver travada a luta.

A comedia do imperio

O Sr. Andrade Figueira tambem classificou de comedia a sessão do senado que dizem ter posto o ponto final na questão militar.

Sem contestar o grande paladino do arroxo, e do escravismo, apenas ampliamos a enunciação dizendo que todo o imperio é uma comedia em que representam muitos Tartufos.

A camara e o senado são os proscenios, onde elles melhor desempenham seus papeis.

Da grande comedia do imperio a actual camara já tem exhibindo muitas scenas, sendo aquella da moção de confiança, ao ministerio depois da do senado sobre a questão militar uma das que mais provocou a hilaridade publica. Os srs. enunchos, representantes da nação mostraram-se eximios. S.s. ceexs. representam maravilhosamente; é, façamos justiça, o sr. Andrade Figueira é um dos mais insignes artistas da grande companhia comediantes politica nacional.

O projecto do sr. Ferreira Vianna

Quer o illustre deputado pelo Rio de Janeiro, que se adopte novo systema de eleição para o emprego de senador e para este fim apresentou á camara dos deputados um projecto em 8 artigos.

O projecto tem cousas originaes e a melhor d'ellas é classificar pelo seu justo termo — emprego — o cargo do senador. Bem entendido, é emprego vitalicio além de remunerado.

E' ori inal tambem de investir unicamente certas classes de individuos — as que têm representação publica, da função de eleitores, com exclusão de todos os mais, de modo a tornar por este lado mais elevado e aristocratico o censo eleitoral para senador. Se tem disposições boas e aceitaveis, taes como as contidas nos artigos 3, 4 e 5, especialmente o que só sujeita ao eleitorado a escolha e não mais ao soberano, tambem tem o projecto outras detestaveis e que não devem ser admittidas, porque são de um requinte de oligarchia ou hegemonia de classes.

Emfim, o projecto do sr. Ferreira Vianna é um mixto de santo e demonio, e se acende uma vela a Deus, dedica outra ao diabo.

E' verdade que de um conservador como s. ex. não deviamos esperar que projectasse tornar popular, como devera ser na opinião democratica, a eleição de senador; mas ainda assim, não acreditamos que o seu projecto, que pode ser convertido em uma boa lei de eleição, mereça acolhimento de seus correligionarios. S.ex. ainda quer alguma cousa, mas elles não querem nada alem do poder.

Adversarios e correligionarios monarchistas

Quem na camara dos deputados tiver ouvido o sr. Cesario Alvim opposicionista liberal e o sr. Andrade Figueira, conservador opposicionista, sem attender para os rotulos, não sabe na verdade quem é correligionario ou adversario da situação. Ao passo que o deputado conservador fallou com to da a vehemencia e combateu rijamente os actos do ministerio Cotegipe (salvo os de esfolar e matar negros e abolicionistas) o sr. Cesario Alvim fez um discurso de opposição tão dubia tão fraca, camararia e incongruente que mais parece simples repiro de compadre que ataque de adversario. A attitudo que em tal discurso assumio o sr. Cesario Alvim em face do ministerio Cotegipe é deploravel.

Aos correligionarios ataca-se vergonhosamente (ex. questão Celso Alvim), aos adversarios que no governo do paiz tem cometido os maiores attentados, pass-se a mão pelo lombo e diz-se: a nossa batalha fica para amanhã!

Politicos sem idéas e sem objectivo patriotico, que hão de fazer senão isso mais no?

Servilismo parlamentar

A nota d'este servilismo constatado por muitas e seguidas legislaturas na camara dos deputados foi mais uma vez desferida pelo sr. Coelho Rodrigues, quando referindo-se á submissão da camara do senado approvan do tudo que d'ahi vem, disse:

— Se protestassemos, teriamos a dissolução em 8 dias.

Com que sem cerimonia confessam estes homens investidos de uma missão tão elevada, mas que degradam pela elasticidade de sua consciencia a sua propria degradação. Aceitam tudo, approvam tudo, comtando que os não dissolvam, isto é, comtando que não os privem do subidio!

Como se pode crer na regeneração do paiz, quando os seus legisladores são os primeiros a fazer alarde de sua venalidade?

Estes espiritos escravizados pela moral epicurista, só se levantam para repellar tudo o que é extingui a escravidão da raça africana.

Não lhes tirem os negrinhos, o mais dão de barato.

Concurso Litterario

Reproduzimos com alvoroço o nobre e patriotico convite que estampa o *Diario Popular* de S. Paulo, em data de 6 do corrente. Excitando e animando ao estudo serio e fecundo sob o duplo incentivo da emulação que engendra o heroismo e do proveito material, de que em definitiva ninguém pode prescindir, o certamen proposto pelo illustrado collega abre nova era á patria litteratura, inocula o interesse na pesquisa dos fastos nacionaes, e i apelle suavemente os espiritos para a verdadeira orientação de que tanto carecemos.

Se nos fosse licito suggerir um alvitro, aconselharíamos que para o *quantum* prefixado como premio pudessem concorrer todos os que avaliam essa proposta como de elevado alcance e de influxo decisivo; n'este caso, a *Democracia* a sollicitaria a honra de poder contribuir com cem mil réis.

«No intuito de estimular muitas vocações litterarias que entre nós vivem despreocupadas e a um tempo prestarmos um serviço á provincia de S. Paulo, a cujos nobres interesses temos procurado afeioar a nossa folha — thrimos um concurso para o melhor romance que, sobre assumpto paulista, nos for enviado até o dia 31 de Dezembro do corrente anno.

Encerrado o concurso, os romances que concorrerem serão sujeitos ao julgamento de uma commissão de pessoas competentes, cujos nomes serão opportunamente publicados e, resolvida a preferencia, o romance escolhido será publicado pelo *Diario Popular* e largamente distribuido em folheto pelos assignantes da folha, sob condições especiaes.

Destinamos mais ao auctor do romance preferido um premio pecuniario de réis 500\$000.

Ahi fica o convite. Lisongeiá-nos a esperança de que não será ba dado o nosso empenho».

Emfim!

Está approvada pelo senado, como já o tinha sido pela camara dos deputados, a postura municipal obrigando as companhias de carris urbanos a adoptarem apparelhos salvavidas.

E-peremos agora que seja esta postura posta em vigor e exactamente cumprida.

Gastou annos em ser approvada, e enquanto andava a dormir e dormir, e andava pelas camaras dos deputados e dos senadores — quantas victimas dos carros urbanos! E quantas ainda se darão até que a postura se cumpra!

Muita cousa n'esta imperial terra, patentêa como os poderes publicos se interessam pelo bem estar e segurança dos cidadãos e as victimas numerosas e quotidianas dos carros urbanos são o seu mais eloquente attestado. E' um zelo, Jesus! que só os relaxados o suplantam.

A relaxação é dos symbolos da governança imperial.

Movimento republicano

Extractamos da imprensa das provincias: Do «Diario da S. Paulo»

CONGRESSO REPUBLICANO

Hontem, 31 de Maio, deu-se a installação das sessões do congresso de representantes republicanos da provincia.

Montam a 68 os municipios que elegiram representantes. D'estes estiveram presentes e tomaram assento 49.

Por deliberação da casa continuou a mesa interina: Prudente de Moraes, presidente Campos Salles e Pestana, secretarios.

O dr. Miranda Azevedo, secretario da Commissão Permanente, leu extenso e bem elaborado relatório, compendiando as principaes occorrencias da Commissão e do partido no anno findo e apontando diversos assumptos como dignos de immediato estudo por parte do congresso.

A sessão, installada ás 7 da noite, prolongou-se até 10 1/2 sendo tratados diversos assumptos importantes e tomadas algumas deliberações.

Foi approvado o projecto da receita e despesa do partido, apresentado pela commissão composta dos srs. Bernardino, Glycerio, e Mathias M. Leite.

Entrou em discussão a proposta para que se sollicita dos republicanos da provincia que libertem seus escravos até 14 de Julho de 1889.

Sobre modificação da formula, maneira de sua publicação e plausibilidade, desenvolveu-se larga discussão fallando os srs. Muniz de Sousa, Mesquita, Moreira da Silva, Miranda Azevedo, Amerio de Campos Garcia, Pestana e Moura Leite.

Foi afinal vencido, depois de approvadas as conclusões da proposta e emendas que a Commissão Permanente ficasse incumbida de formular o manifesto e publical-o.

Em seguida foi larga e calorosamente debatida a moção sobre separatismo

Horacio de Carvalho justificou a sua assignatura n'esta moção, abundando em considerações tendentes á comprovação das suas idéas. Campos Salles expoz o seu modo de ver e apresentou um manifesto dirigido aos republicanos, explicando a questão e manifestando as sympathias que ella merecia.

Rangel Pestana desenvolveu a sua opinião, duvidando da conveniencia da moção e do manifesto, e pedindo a seus correligionarios uma decisão positiva e pratica da questão, visto querer conhecer claramente a sua posição como jorna lista.

Alberto Salles fallou em seguida, approvando o manifesto, visto ser de conveniencia para o partido aproveitar as forças manifestadas na provincia no sentido d'essa idéa, para bem dirigi-lo no sentido da propaganda. Explicou mais o ponto scientifico da questão, sobre a qual tem e a mão um livro, que breve apparecerá e melhor comprovará o seu ponto de vista.

Julio de Mesquita impugnou o manifesto, julgando-o inconveniente á boa marcha do partido republicano.

Jesuíno Cardoso explicou o seu voto, julgando conveniente ao partido a propaganda separatista.

Campos Salles explicou o projecto de manifesto, defendendo-o das arguições que lhe foram feitas.

Rangel Pestana explicou ainda uma vez o seu modo de entender, que não tivera inteira comprehensão.

Olympio da Paixão pediu o adiamento da discussão para o proximo dia.

Francisco Glicerio manifestou a sua opinião de accordo com o manifesto, mas declarou julgar de conveniencia o adiamento da discussão para a futura sessão do congresso, pois o assumpto é importante e carece de largo estudo e meditação.

N'esse sentido Carlos Garcia fez um requerimento, que foi approvedo.

Passou-se depois a fazer as eleições da Comissão Permanente e delegados ao congresso nacional na corte, como hontem já publicamos.

Ao levantar-se a sessão, ás 11 1/2 da noite, o digno presidente, dr. Prudente de Moraes, compendiou em ligeiras palavras a importancia do occorrido e a regularidade e criteriosos debates e resoluções, o que todo comprovava a seriedade com que desenvolvia o partido republicano na provincia.

D'«O Mineiro» de Barbacena:

«Continuam as adhesões ao nosso partido, n'esta e n'outras provincias.

— Assignou o manifesto republicano d'esta cidade, o importante fazendeiro Joaquim Rabello de Siqueira, residente em Santa Barbara do Tugurio, freguezia de N. S. do Desterro do Mello, d'este municipio.

— Em Varina acaba de filiar-se ao nosso partido o sr. Raymond Martins Roussin. O GONTEMPORANEO, importante órgão republicano de O. Preto, noticiando essa adhesão assim se exprime:

«A estima de que gosa o illustre cidadão que era ainda há pouco uma força e uma esperança do antipatriotico partido denominado liberal, e que se rotula com a palavra democracia — os seus merecimentos conhecidos, nos induzem a crer que o novo correligionario virá prestar valiosissimos serviços á propaganda dos nossos principios politicos».

No mesmo jornal lê-se a seguinte noticia:

«Pelo MARIANENSE, órgão redigido na vizinha cidade d'onde tira o nome, sabemos que apresenta-se candidato á assemblea provincial o nosso distincto correligionario, e conhecido advogado sr. André Augusto Johanny.

Não ha probabilidades deahir victoriosa das urnas a candidatura d'este laborioso e popular cidadão; mas ellas tem para nós muito alta significação: o primeiro protesto do 2.º districto contra a monarchia que não nos explora menos do que os degrada e avilta.

Disputar o triumpho no pleito eleitoral observando quanto possivel a attitudde correctae activa n'estas occasiões as uniões pelos candidatos do nosso partido, é serviço indiscutivelmente importante prestado ao mesmo por isso o disciplina e orienta.

Está n'estes casos a candidatura de que se trata».

— No Machadinho, d'esta Provincia, desligou-se do partido monarchico para unir-se ao nosso partido o cidadão Raymundo Henrique Duarte».

No dia 23, fundou-se na Villa da Cachoeira, São Paulo, um club Republicano. Escolheram esse dia por commemorar não só a chegada de Vasco Fernandes Coutinho, donatario n'aquella então capitania, portanto inauguração do predomínio monarchico na provincia, como tambem por ter n'essa data em 1822, José Clemente Pereira, em nome da municipalidade e do senado do Rio de Janeiro pedido a Pedro I a convocação de uma assemblea constituinte.

«O Cachoeirano», depois de noticiar minuciosamente a instalação de um club republicano na cidade de Cachoeira de Itapemirim, provincia do E. Santo, acrescenta:

«O Club aceita o manifesto de 3 de Dezembro de 1870; os seus associados não farão transacções com as facções monarchicas nos comícios populares e será o director do partido republicano do 2.º districto d'esta provincia; que é de esperar obtenha grande progresso com a propaganda das doutrinas e fins do club».

Sabemos que a direcção em sessão de hontem aceitou grande numero de socios».

CARTAS DO RECIFE

15 de Maio de 1887.

Meu amigo.

E' deploravel o estado em que nos achamos.

Todos os dias se registram factos criminosos; ataques á propriedade, á vida, e á honra, sem que haja a menor causa justificativa.

Nunca os direitos do cidadão foram mais aciosamente atacados, como n'esta situação que se tem distinguido pelo abaixamento dos caracteres, pelo augmento dos crimes e pela protecção aos criminosos; nunca as autoridades superiores de uma provincia patentearam tanto cynismo e inaptidão, como os srs. Pedro Vicente e Domingos Pinto; finalmente, nunca a monomania da arbitrariedade preoccupou tanto os delegados, subdelegados e inspectores de quarteirão, como na quadra actual.

O presidente da provincia arranca violentamente a vitalicidade de alguns professores de instrução primaria, em cujo goso se achavam ha tres annos; concorre, pelo seu procedimento, que qualifiquei de criminoso, para o estado deploravel em que se acha Bom Jardim, visto como, havendo o delegado d'essa localidade incorrido na penalidade do art. 139 do Cod. Crim., por exercer actos estranhos ás funcções de seu cargo, devia não só demittir-a, como enviar os documentos, que teve em suas mãos, ao promotor publico, para promover a formação da culpa, e não limitar-se a officiar ao chefe de policia, recomendando-lhe que fizesse sentir ao referido delegado, Joaquim Antonio Duarte, — a conveniencia de se limitar ao que pertence exclusivamente ás suas attribuições; approva a anarchia que reina na camara municipal do Recife, fornecendo ainda elementos para sua continuação, pois outra cousa não quer dizer o despacho que acaba de dar a representação dos vereadores liberaes; e, finalmente, consente que continuem em exercicio as autoridades que se acham processadas e algumas já pronunciadas, por lhe faltar a energia para demittir-as, independente de proposta.

O chefe de policia, o amigo e compadre de Cavalcanti, de Taracati, de glorioso esquecimento, procura occultar os crimes de seus subalternos, como ia acontecendo com o assassinato de Belisario José, perpetrado pela policia de S. Lourenço da Matta; protege Japiassu, que continua a zombar da lei, em sua fazenda *Caieiro*, não obstante já se achar pronunciado em crime de introduzir moeda falsa em circulação; anima seus agentes a praticarem novos crimes, visto como não propõe a demissão d'aquelles que já delinquiram; finalmente deixa que seus soldados se embriaguem, promovam disturbios, roubem e espanquem os que encontram em sua passagem.

E, entretanto, os srs. Pedro Vicente e Domingos Pinto, os verdadeiros responsaveis pelo sangue derramado em Jatobá e nas furnas de Itaparica, na qualidade de agentes do governo do sr. Cotegipe, não podem, nem devem proceder de outro modo, sob pena de serem demittidos!

— Acabou-se o órgão do grande e generoso partido liberal. A Provincia que era a folha que o representava na imprensa republicana, em virtude da cessação do praso do contracto que havia feito, deixou, desde o principio do mez, de representá-lo, para se occupar de cousas mais serias; para por-se ao serviço da abolição dos escravos, e da federação das provincias; para representar todas as grandes e nobres aspirações que se agitam no seio do puz, sem prejuizo da defesa constante dos interesses pernambucanos. E assim procurará ser verdadeiro representante do pensamento, das aspirações, e das queixas de grande numero de brasileiros, qualquer que seja o partido politico a que elles pertençam.

Fallando em nome dos soffrimentos e das esperanças, tanto da população livre, atrophiada pela centralisação, como da população escravidana, victima de uma exploração secular e sobredito em nome da patria, que não devemos legar aos nossos

filhos corrupta e deshonrada, no meio das nações lires da America, ella não precisará da protecção nem do favor de nem um chefe partidario; pois toda a sua confiança está no poder das idéas, na força dos principios, na efficacia do trabalho, na firmeza dos seus intuitos e na probidade da sua conducta.

— No dia 30 do mez findo diversos estudantes installaram o Club Republicano Academico. Ficou assim composta a directoria:

PRES. HONORARIO. — Dr. Albino Meira.
EFFECTIVO. — Nilo Peganha.
VICE-PRESIDENTE. — Cicero Cesar.
1.º SECRETARIO. — Paulo Silveira.
2.º » — Cassiano Lopes.
ORADOR. — Alcibiades Peganha.
TRESOREIRO. — João Teixeira.

— No dia 1 realizou-se a 2.ª e hoje a 3.ª das conferencias promovidas pela sociedade pernambucana contra a escravidão e união federalaboliconista, sendo oradores os nossos distinctos correligionarios drs. Martins Junior e Nilo Peganha.

— O bispo de Olinda, na carta pastoral que dirigio á diocese pernambucana, sobre o jubileo sacerdotal de Leão XIII, convida os fieis a abrilhantar a festa com tantas libertações quantas forem compatíveis com as suas circunstancias, e exhorta o clero para que deposite junto ao throno pontificio esta declaração: O clero olindense não possui escravos.

— O club republicano academico resolveu emprehender a libertação do municipio de Olinda e para esse fim já realizou n'aquella cidade 2 conferencias. Tambem está trabalhando em favor da mesma idéa o club aboliconista D. José recentemente fundado.

— Esta quinzena foi completamente desanimadora para a praça do Recife. A subida do cambio, produzindo o alarme no mercado de exportação, paralisou todo o seu movimento. Para o sul, cujo principal producto é o café que n'estes ultimos tempos tem subido a um preço consideravel, a elevação do cambio não é um facto de grande alcance; mas para o norte é altamente prejudicial. O algodão e o assucar, principaes generos de exportação, não deram dinheiro, de sorte que os agricultores tem lutado e continuam a lutar com as maiores difficuldades. Portanto esta alta do cambio, em vespera de liquidação de safra, e quando existe ainda em grande deposito em ser e não pouco ainda a colher, resultará em prejuizos consideraveis para a agricultura e o commercio, arruinando d'estarte o norte da provincia.

— Distribuiu-se o 1.º fasciculo do romance que sob o titulo «Escandalos do Recife», está publicando o dr. Gaspar de Souza Rios Junior.

— Apparecerá brevemente um periodico academico intitulado «A Penna».

— Acha-se á venda «O Hospede», romance de Pardal Mallet.

— Na cidade da Victoria começou a publicar-se um periodico litterario e noticioso intitulado «Flor da Victoria». N'essa cidade publicam-se mais tres folhas: «Echo da Victoria, Lidador, e Mereoro». O Federalista, folha que tambem alli se publicava não existe mais.

SECÇÃO LITTERARIA

A FORÇA DO DESTINO IV

EFFECTO DE BONS ARES E BOAS CRIAS

Uma noite, passado já o primeiro anno de viuvez de Juliana, a horas mortas, a familia do tenente Lins acorda-se espavorida pela detonação de um tiro que ouvira como que dentro de casa.

Quem, porem, se mostrou mais aterrada, foi Juliana.

Quando ella vio o compadre attento, observando de uma janella para o quintal com uma pistola ainda fumegante pendendo-lhe da mão, tornou-se pallida, tremula, deu um grilo e desmaiou.

— Aquiete-se comadre, não é nada! Que é que a senhora tem? disse Lins correndo para ella no momento em que chegava sua mulher que se apressou em soccorrel-a.

Voltando a si, depois de frições e aspirações de vinagre, o primeiro cuidado de Juliana foi interrogar com anciedade:

— O compadre ferio alguém?

— Não, comadre, o ladrão escapou-me, errei o tiro; mas não me escapará se voltar; asseguro-lhe.

— Pelo amor de Deus, compadre, não faça tal...

— E' boa! Porque?

— Causa-me um susto de morte e o sr. vae ter grandes incommodos se ferir ou matar qualquer pessoa.

— Mas que hei de fazer a quem entra a taes horas em meu quintal sem minha licença? Não vem cá com boas tenções. Pelo menos pretende ir-me ás gallinhas. Ha muito tempo que presinto alguém a andar-me no quintal. Quem quer que é abre-me o portão com chave falsa; isto é muito serio.

— O sr. vio ou reconheceu alguém?

— Não reconheci ninguem; vi apenas um vulto de homem.

— Com certeza não voltará.

Effectivamente, Lins, vigiando algumas noites seguidas, preparou uma armadilha afim de surprender e escarmentar o intruso; este porem não voltou. O tenente por fim descançou mandando collocar nova fechadura no portão e pondo de guarda um valente cão de fila.

Quanto á sua comadre, apenas via que ella «ngordava; admirava-lhe o grande desenvolvimento de flancos, as formas arredondadas, as carnes rijas, as cores syntomaticas da mais robusta saude.

— Com effeito, comadre, a senhora está bastante gorda; o clima de Maceió tem-lhe sido propicio; parece ser melhor que o de Santa Luzia do Norte.

— E' verdade, tenho-me dado muito bem aqui, graças a Deus e ao compadre que tão bem me tem tratado.

— A continuar assim não sei onde a senhora vae parar.

Este reparo do tenente Lins feito em tom humoristico, repetio-se algumas vezes sem que elle comtudo notasse na physionomia da comadre a leve sombra de um embaraço ou vexame que alli se projectava e se extinguia rapido como o clarão de um relampago. Tão habil era ella em disfarçar o seu enleio quanto o compadre ingenuo em não o descobrir.

Um dia Juliana pediu-lhe permissão para passar uma semana em Bebedouro, suburbio da cidade e em casa de uma parenta e amiga que a convidara.

Juliana foi, passou a semana, mais outra e outra e... não voltou. Receiando alguma enfermidade, mandou o tenente Lins saber. A resposta foi que a comadre estava boa, mas precisava passar alli mais alguns dias.

— Fique-se lá o tempo que quizer, disse Lins aborrecido, por lhe parecer pouco attencioso o procedimento da comadre. — Tem lá bons ares e certamente não lhe faltarão boas ceias.

ANNUNCIO

ATELIER CAÑIZARES

Offerece ao respeitavel publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

Typ. d'A DEMOCRACIA.